

# Aquisição da escrita de língua de sinais

Marianne Stumpf\*

## 1 Aquisição da leitura/escrita no surdo

A grande maioria das pessoas surdas após completar sua vida escolar não sabe utilizar a língua escrita em toda a amplitude de suas possibilidades: como meio de comunicação, para a reflexão e enriquecimento do pensamento e como fonte de prazer.

O problema se apresenta em todo o mundo. Nos Estados Unidos, o nível médio de proficiência em leitura ao qual chegam os surdos não lhes permite ler o jornal. Na maioria dos outros países a situação é a mesma, ou pior, inclusive no Brasil.

Isto acontece porque as escolas de surdos têm sido objeto de orientações pedagógicas profundamente equivocadas que não oportunizam à grande maioria dos surdos a apropriação de sua própria língua. Primeiro, após o Congresso de Milão em 1880, o Oralismo passou a ser utilizado nas escolas de surdos, banindo o uso da língua de sinais. A seguir, a Comunicação Total que, embora tenha reabilitado em parte a língua de sinais, também não pode dar conta deste papel, pois ao usar as duas línguas, simultaneamente, acaba desestruturando a ambas.

O ato da leitura precisa contar também com informações não-visuais que envolvem a competência lingüística do leitor, seu conhecimento sobre o conteúdo do texto e o conhecimento prévio da maneira em que as palavras se integram na linguagem que envolve a gramática e o sentido. Muitos estudos apontam para o fato de que surdos, filhos de pais surdos, têm apresentado uma performance melhor do que filhos surdos de pais ouvintes, tanto na leitura, como também em outras áreas educacionais. Justificam este fato salientando que pais surdos de filhos surdos sinalizam, utilizando uma linguagem adequada para se comunicarem

\* PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

permitindo, assim, que seus filhos aprendam sua primeira língua na interação e sua segunda língua à partir da compreensão da primeira.

Compreender a leitura é preciso haver uma complementação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido, que está no papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos.

Para que a criança surda tenha a mesma oportunidade que as ouvintes de aprender a ler e escrever, é preciso que lhe seja possível proceder do texto escrito ao significado e vice-versa, sem a mediação da língua oral. Para isso é imprescindível que se permita à criança surda que ao ler, pense em sua língua de sinais e fale sobre o escrito com seus pares e com adultos leitores que usam a mesma língua.

Segundo [FOU 94], a escrita oferece um campo específico e insubstituível nas mais ricas formas de comunicação humana. A diversidade e qualidade dos livros e jornais o comprovam. Observando um telejornal, vê-se que as informações que nele são apresentadas cabem em menos de uma página de um jornal diário. Essas informações foram selecionadas pelos jornalistas que determinam quais e como elas serão apresentadas.

A escrita é, sem dúvida, a mais respeitada, não aquela que expressa mais verdades, mas aquela que dá aos leitores condições de chegar às suas próprias verdades. A escrita é uma ferramenta de comunicação que, por sua natureza, permite construir um modelo teórico a partir do real e expressa a coerência desse modelo inventando as relações entre os elementos.

O recurso de escrita é um momento essencial e específico de qualquer elaboração de um ponto de vista sobre o mundo, um meio de distanciamento e de teorização que permite passar do conjuntural, gerado pelo oral, ao estruturado, expresso pelo texto. O escrever e ler em língua de sinais, para o surdo, é o caminho natural em todo este contexto. Ou será que para uma criança ouvinte submetida a uma educação bilíngüe, se preconizaria como acertado dar-lhe condições para que lesse e escrevesse em sua segunda língua estabelecendo para sua primeira língua apenas o papel conjuntural da comunicação presencial e imediata? Na verdade, este fato aconteceu muitas vezes na história da humanidade quando, por razões políticas, populações foram forçadas a esquecer suas línguas naturais ou a usá-las apenas em privado. Sabe-se também, pelas constatações da sócio-lingüística o quanto estas populações foram prejudicadas em vários aspectos por estes procedimentos coercitivos.

Não é correto impor ao surdo esta limitação, quando sua condição o impede de falar e compreender com amplitude a sua segunda língua. O alfabeto usado para o português é o ponto terminal da longa história da escrita ocidental. O sistema *Sign Writing*® que representa as unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações tem como ponto de partida a língua materna dos surdos. Torná-lo acessível à comunidade surda brasileira, é tornar acessível a esta comunidade uma ferramenta necessária e importante.

A criança estimulada a escrever busca representar pela escrita a língua pela qual se expressa. A criança surda, num primeiro momento, tenta desenhar os sinais. O código *Sign Writing*® deve ser normalmente introduzido antes da escrita do português que será ensinado em suas modalidades oral e escrita como uma segunda língua.

## 2 *Sign Writing*®: um sistema de escrita para línguas de sinais

As línguas de sinais atendem às necessidades de comunicação presencial dos surdos, isto é, às suas necessidades de comunicar-se com outros surdos quando eles estão na presença uns dos outros. Quando se trata, porém, da necessidade de comunicação através da escrita, os surdos têm de recorrer à escrita na língua da sociedade falante em que vivem.

Do ponto de vista da Cultura Surda, isso não significa apenas que as relações pessoais entre surdos que são contemporâneos uns dos outros, mas que estão distanciados no espaço, precisam ser mediadas por elementos culturais-comunicativos que não lhe são próprios. Significa também que as expressões culturais-comunicativas do surdos de uma época só podem ser registradas em forma escrita através desses elementos, o que implica necessariamente a intervenção de um processo de adaptação entre as línguas de sinais e falada que estão em questão.

Teatro, narrativas, literatura surda em geral, só podem ser escritos após serem vertidos para uma língua falada, mesmo quando criados originalmente em língua de sinais. Os surdos não podem construir sua própria escrita de acordo com sua maneira de sinalizar. A escrita, o poder e a tecnologia são parceiros nas narrativas ocidentais da origem da civilização. A Cultura Surda está minimamente registrada, porque as situações que os surdos vivem, não conseguem escrever em sua própria língua.

O sistema de escrita de sinais denominado *Sign Writing*® foi inventado há cerca de 30 anos por Valerie Sutton que dirige o DAC – Deaf Action Committee, uma organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla Califórnia, USA. [SUT 95]

O sistema *Sign Writing*® é um sistema para representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. É um sistema notacional de características gráficas e esquemáticas, constituído de um rico repertório de elementos de representação das principais características gestuais das línguas de sinais.

O fato de o sistema representar unidades gestuais, e não unidades lingüísticas, faz com que ele possa ser aplicado a qualquer língua de sinais, e não apenas à língua americana de sinais (ASL), onde tem sido mais aplicado. Na verdade, este sistema tem sido amplamente aplicado a outras línguas de sinais, além da ASL, principalmente nos países nórdicos.

Em agosto de 1996, teve início um trabalho de pesquisa da escrita de sinais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. A pesquisa está ligada a Faculdade de Informática dessa Universidade e é orientada pelo professor doutor Antônio Carlos da Rocha, atuando em conjunto com a professora Márcia Campos e Marianne Stumpf, professora surda da Escola Especial Concórdia-ULBRA. Contou-se com o apoio da DAC (Deaf Action Committee), que forneceu material de estudo, possibilitando a pesquisa sobre como desenvolver uma modelagem interna para representar a LIBRAS no computador e usá-la na forma manuscrita. [COS 96]

Em 1996, produziu-se o primeiro texto escrito em LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais) trata-se da versão em *Sign Writing*® do livro infantil *Uma menina chamada Kauana*, livro publicado originalmente pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), com sinais representados através de desenhos artísticos das mãos e destinado ao ensino de língua de sinais para crianças, conforme mostra a Figura 1.



Uma menina Chamada Kauana  
Karin Lilian Strobel

Figura 1. Livro – Uma menina chamada Kauana

Desde então, tem-se pesquisado como transcrever os sinais de LIBRAS para os códigos escritos do sistema *Sign Writing*® que permite através de símbolos visuais representar as configurações das mãos, seus movimentos as expressões faciais e os deslocamentos corporais.

Do ponto de vista da aquisição da língua escrita, pressupõe-se que o sistema da escrita dos sinais possua como ponto de partida, a língua materna dos surdos (língua de sinais), possibilitando o registro e o estabelecimento de relações entre o sinal e a escrita do sinal. Mediante o uso de códigos próprios os surdos tem a possibilidade de construir a própria escrita conforme seu modo de sinalizar que é a expressão lingüística de seu eu.

### 3 Sign Writer®

Mais recentemente, o DAC (Deaf Action Committee) patrocinou o desenvolvimento de um programa de computador, denominado *Sign Writer*®, que possibilita a edição eletrônica de textos em línguas de sinais escrita. O programa inclui um conjunto de dicionários, contendo traduções de palavras usuais de mais de uma dúzia de línguas faladas, para as línguas de sinais utilizadas nos países correspondentes. Isso ajuda bastante não só na utilização do programa como tal, mas também no aprendizado do sistema *Sign Writing*®.

*Sign Writer*® é um editor de textos em línguas de sinais para o sistema operacional DOS, elaborado e distribuído pelo DAC (Deaf Action Committee – Califórnia). De uma maneira geral, pode-se dizer que o *Sign Writing*® está para a escrita da língua de sinais assim como o Microsoft Word está para a escrita de língua oral.

No trabalho de pesquisa desenvolvido na PUCRS, utilizou-se a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em sua modalidade escrita, construindo um dicionário em sinais para a formação de textos. O aluno surdo parte de sua língua nativa (LIBRAS) para a aquisição e construção de textos escritos na Escrita de Sinais. Através do uso do dicionário (LIBRAS, PORTUGUÊS) o aluno realizará atividades de tradução, adquirindo simultaneamente a LIBRAS e a língua portuguesa.

O Software *Sign Writer*® para editar LIBRAS funciona como um editor de textos, onde se pode escrever o texto usando a língua de sinais. É usado para construir histórias, redações, frases e transcrever da língua portuguesa para a língua de sinais, também, para construir o dicionário de palavras correspondentes da língua portuguesa para a língua de sinais.

#### 4 Relato das experiências no ensino da escrita de sinais

Pretendo nesta seção, relatar as experiências que vivenciei como professora de surdos, no ensino da escrita de sinais, trabalho há quatro anos dando aulas de escrita de sinais a alunos surdos da sétima série. A experiência de alfabetização em escrita de sinais está sendo realizada há quatro anos sempre com alunos da 7ª série o que do ponto de vista teórico não se sustenta. O currículo prevê um período uma vez por semana. A maioria dos alunos são fluentes em língua de sinais.

O trabalho começa pelo ensino dos códigos mais usados mostrando e desenhando as figuras; depois começamos juntos a construir as palavras e os textos.

O grupo trabalha em conjunto. Por exemplo, um aluno escolhe um sinal, tenta pensar como é o sinal para escrever no quadro-negro. Nós pensamos juntos. Os alunos que tem pouca fluência em língua de sinais escrevem pouco.

Nas aulas, uso fitas de vídeo com textos em língua de sinais que apresentam histórias, poesias, piadas, são usadas, depois de assistir as fitas os alunos escrevem com mais facilidade.

A certeza que eu tenho é que escrever em sinais é muito importante para meus alunos e isso aumenta tremendamente a confiança que eu tenho no meu trabalho. Para exemplificar, podemos ver que as crianças ouvintes começam na escola lendo palavras desde o primeiro dia, palavras escritas que estão em toda a parte. Isto não acontece com a língua de sinais.

As crianças ouvintes olham as figuras e falam as palavras correspondentes depois vão escrever. Os surdos não podem fazer isso. Olham as figuras, sabem o que é mas na maioria das vezes não sabem dizer a palavra. Com a escrita de sinais isto pode mudar.

Meus conteúdos são exercitar *Sign Writing*® com sua própria escrita usando fotos, desenhos ou ações e conversar em sinais começando assim desde primeiro dia. O sinal que é o nome da criança é escrito em *Sign Writing*®. Precisamos construir os sinais de cada nome, depois desse trabalho cada um vai ter sua assinatura em língua de sinais como tem seu nome em língua falada e sua assinatura em português escrito. As crianças sabem que seu nome existe em duas línguas.

Nas aulas, o aluno inicialmente aprende o sistema de *Sign Writing*® com a forma manuscrita e depois pode utilizar o Programa *Sign Writer*® no computador. A maioria dos alunos prefere utilizar o *Sign Writer*® pois as configurações das mãos são apresentadas na tela do computador e o aluno escolhe para adaptar o sinal completo. A forma manuscrita da escrita de sinais oferece maior dificuldade pela pouca exposição dos alunos aos códigos das configurações. Como a escrita de sinais tem ainda pouco reconhecimento na Educação dos Surdos, esta recebe pouco espaço no currículo. Também os sinais escritos praticamente não existem no entorno do estudante surdo.

A maior vantagem do nosso sistema é que transferimos diretamente aquilo que o aluno está sinalizando para a escrita. Para poder construir o sinal por escrito antes precisamos concordar em como o sinal é usado. Depois que o sinal está escrito, ele fica fixo, da mesma forma que uma palavra em português é registrada na forma.

Portanto é importante pegar um sinal escrito e poder ler, quer dizer, o sinal tem que estar construído de uma forma que qualquer um que conheça os códigos olhe para o sinal e consiga sinalizar a palavra escrita em língua de sinais.

## 5 Considerações finais

Já existem muitos trabalhos científicos que comprovam a necessidade da criança surda aprender a língua de sinais em primeiro lugar, mas faltam trabalhos sobre a necessidade da alfabetização em escrita de sinais e, mais do que isso, faltam trabalhos de divulgação sobre a tecnologia desta escrita.

A linguagem sem escrita própria é passageira, menos precisa, depende do momento, do lugar, de quem comunica e da memória. A escrita é a representação de um sistema primário que é, em geral, a fala. As crianças ouvintes têm facilidade de aprender porque copiam os fonemas. As crianças surdas que se comunicam por sinais também precisam representar pela escrita a língua própria delas que é viso-espacial. Quando as crianças conseguem aprender uma escrita que é representação de sua língua natural amadurecem e melhoram o seu desenvolvimento cognitivo.

Quando as escolas iniciaram o uso da LIBRAS, esta linguagem era só uma ferramenta para facilitar a comunicação, depois comprovou-se que ela é uma língua completa que o surdo deve aprender, para que possa se desenvolver em muitos sentidos. A escrita de sinais é a mesma coisa, agora parece ser apenas mais uma ferramenta, uma curiosidade mas, quando se pensa que não ser analfabeto em sua própria língua é importante, vamos compreender que a escrita de sinais para o surdo é muito importante.

A consciência que este trabalho, desenvolvido com a escrita de sinais, é muito pouco dentro de uma metodologia que significa tanto para as pessoas surdas existe. Porém é extremamente importante e útil para esta comunidade, porque a pessoa vai para a escola, principalmente para deixar de ser analfabeto, e a maioria dos surdos hoje, depois de muitos anos de estudo, quando sai da escola continua analfabeto.

### Referências bibliográficas

[CAM 96] CAMPOS, Márcia de Borba. *Sistema hipermídia para apoio às relações espaço temporal e lateralidade baseado em hipermídia*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

[COS 96] COSTA, Antônio Carlos da Rocha; CAMPOS, Márcia de Borba; STUMPF, Marianne Rossi. *Parâmetros fonéticos de configurações de mãos de língua de sinais e sua representação computacional simbólica*. Porto Alegre: PUCRS, 1996. (Estudo preliminar).

[FOU 94] FOU CAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

[KAR 94] KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua brasileira de sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Curso de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: PUCRS, 1994 (Dissertação de Mestrado).

[QUA 97] QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de surdos. a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

[SKL 99] SKLIAR, Carlos (org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

[SUT 95] SUTTON, Valerie; Batch, Lucinda et al. *Lessons Sign Writing@*. 2. ed. The Deaf Action Committee for Sign Writing@. DAC: La Jolla, 1995.